
A biografia antiga: o caso de Plutarco

*Maria Aparecida de Oliveira Silva**

Resumo: Dentre os estudiosos da historiografia produzida por gregos e romanos, percebe-se a incorporação de um cientificismo atuante na classificação e na delimitação dos gêneros literários surgidos na Antiguidade. Em grande parte, têm sido equivocadas as digressões elaboradas com o fim de esclarecer as diferenças entre Biografia e História na historiografia antiga, por exemplo. Assim, neste artigo, pretende-se abordar a problemática criada em torno da escrita das biografias de Plutarco no intuito de demonstrar que sua obra representa uma fonte importante para a compreensão historiográfica de seu período.

Palavras-chave: biografia antiga, historiografia antiga, Plutarco.

Abstract: Among Greek and Roman historiography scholars one notices the embodiment of a scientificism acting on classification and delimitation of literary genres that emerged in the Antique. Most digressions made by those scholars have been mistaken when explaining the differences between biography and history in ancient historiography, for instance. Thus, this article intends to deal with the questions on the narrative of Plutarch's biographies to show how they represent a source for historiographical understanding of his time.

Key words: ancient biography, ancient historiography, Plutarch.

Neto de Lâmprias, filho de Autóbolus e irmão de Timon e Lâmprias, membros da nobreza beócia, Plutarco de Queroneia nasceu em 45 d. C. É interessante notar que Plutarco não faz referência a nomes femininos de sua família, com exceção de sua mulher e de sua filha, ambas com o nome de Timoxena – citadas em uma carta de consolação enviada à sua mulher após a morte da filha. Assim, em suas biografias quase não cita os nomes femininos (Bremmer, 1981, p. 426), Plutarco adquiriu o hábito dos escritores atenienses de evitar escrever o nome de mulheres respeitáveis. Aos 20 anos

* Doutoranda em História Econômica pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; e-mail: madsilva@usp.br

seguiu para Atenas objetivando aprender os fundamentos da Retórica, Física, Matemática, Medicina, Ciências Naturais, Filosofia e Literaturas grega e latina (Gianakaris, 1970, p. 17). Na cidade ática, conheceu Amônio de Lamptra cujo conhecimento apurado sobre a filosofia platônica despertou o interesse de Plutarco. Das lições de seu mestre egípcio, Plutarco trará em seus escritos as influências de seus ensinamentos (Flacelière; Irigon, 1987, p. CLXIII).

Ao cabo de seus estudos na cidade ática, visando ao enriquecimento de seus conhecimentos, Plutarco viajou pela Grécia, Sicília, Ásia Menor e Alexandria (Chambry; Juneaux, 1957, p. XII). Em 68 d. C., após a conclusão de seus estudos, retorna à sua terra natal onde constitui família. A vontade de Plutarco em residir na cidade de Queroneia está registrada no prefácio da biografia de Demóstenes, em que afirma continuar em sua pequena cidade para que ela não se tornasse menor ainda. Ainda em Queroneia, escreve suas obras, assume cargos políticos e, por diversas vezes, visita Roma (Brenk, 1987, p. 252). Em meio a tantas atividades, dedica-se por 20 anos ao sacerdócio em Delfos (Flacelière; Irigon, 1987, p. CLXIV).

No primeiro século depois de Cristo, os domínios romanos gozavam de relativa tranqüilidade militar, em um período conhecido como *felicitas temporum* (Russell, 1990, p. 1). O fomento à produção intelectual tornou-se hábito da realeza romana, principalmente a partir de Nerva. A política pacifista do mediterrâneo antigo, adotada por Roma, permitiu a Plutarco proferir palestras aos nobres romanos (Russell, 1973, p. 7).

A notoriedade de suas conferências propiciou-lhe a aproximação com os romanos politicamente mais influentes como Mestrio Floro (Grube, 1965, p. 314). Esse fora o responsável pela concessão da cidadania romana a Plutarco, que em homenagem a seu amigo, adotou o nome de Mestrio Plutarco. Como Russell observa (na citada obra, p. 8) não se pode afirmar qual o imperador concedeu-lhe o título de cidadão romano em virtude do desconhecimento dos estudiosos sobre o período exato em que Mestrio Florus foi cônsul. No reinado de Trajano foi procurador da Acaia, embaixador e procônsul (Lacy, 1987, p. XXIII), tendo recebido ainda as honras do Imperador pela composição de sua obra *Moralia* (Martin Jr., 1969, p. 369). Em 125 d.C. Plutarco pagou um óbolo ao barqueiro Caronte. É a Caronte que incumbe a tarefa de passar as almas através dos pântanos do Aqueronte para a outra margem do rio dos mortos. Em paga, os mortos são obrigados a dar-lhe um óbolo. Era por isso que havia o costume de pôr uma moeda na boca dos cadáveres no momento em que eram sepultados (Grimal, 1993, p. 76). Assim, navegou tranqüilo nas turvas águas do rio Aqueronte em direção ao Hades ou ao reino dos mortos.

A produção literária de Plutarco atinge a notável soma de 227 títulos, dos quais 130 não chegaram aos nossos dias (Russel, 1973, p. 18-19). Os títulos remanescentes encontram-se organizados em duas obras intituladas: *Vidas paralelas* e *Moralia*. As *Vidas Paralelas* reúnem 50 biografias de antigos chefes militares, legisladores e governantes políticos. Já *Moralia* compõe-se de pequenos tratados que versam sobre vários aspectos da natureza humana. Das duas obras deixadas por Plutarco, *Vidas paralelas* oferece valiosas informações acerca de séculos da história do Mediterrâneo antigo.

Desde a sua primeira tradução para uma língua moderna, as biografias de Plutarco foram associadas ora à Literatura, ora à Filosofia ou à Pedagogia. Em virtude disso, seus leitores se habituaram a ver sua obra de uma forma biográfica, ahistórica, de conteúdo filosófico e para fins pedagógicos. Tal tendência arrastou-se pelo século XX. Entretanto, após a leitura dos estudos sobre as biografias plutarqueanas, conclui-se que grande parte dos comentadores realizou análises isoladas da obra. A maioria dos comentadores de sua obra cita o prefácio da *Vida de Alexandre* para sustentar a tese de que Plutarco não observou preceitos que fossem próprios à narrativa histórica.

No entanto, a leitura isolada desse trecho, sem cotejá-lo com as demais afirmações plutarqueanas, em nada contribuiu para o estudo de sua obra biográfica, uma vez que os pesquisadores não consideraram suas assertivas sob a ótica da produção de uma obra histórica. Tais estudiosos não assimilaram a ambigüidade na definição que Plutarco tinha de sua própria obra: no prefácio da *Vida de Alexandre*, o autor registrou sua intenção em escrever uma obra biográfica, enquanto no prefácio da *Vida de Timoleão*, demonstrou familiaridade com os procedimentos de um historiador de sua época.

Desse modo, Wardman, em seu estudo sobre a vida de Alexandre, inferiu que Plutarco preocupou-se em avaliar somente a virtude e a fortuna de seus biografados (Wardman, 1955, p. 96). Para o autor, Plutarco conferia unidade narrativa à vida de seus personagens como faziam os peripatéticos, ou seja, reconstruindo os fatos conforme o julgamento que o biógrafo fazia do caráter do indivíduo (Wardman, 1955, p. 107).

Pelling, por sua vez, reforça a idéia de Wardman observando que, além de estar alheio à veracidade de seus registros, Plutarco não se importava em relatar os fatos de forma desconexa, sem critérios. Pelling considera que Plutarco teria composto seus textos voltado para a moral e o valor artístico da obra, sem observar a consistência histórica dos fatos (Pelling, 1992, p. 19), imprimindo realidade a acontecimentos fictícios, registrando-os em sua narrativa como se se tratassem de fatos, sem avaliar os relatos das fontes de que dispunha.

Não obstante, centrando-se na *Vida de Alexandre*, Hamilton considera que Plutarco, como biógrafo-moralista, manipulou os fatos com o objetivo de atribuir um conteúdo moralizante à obra (Hamilton, 1969, p. XLI). De acordo com o autor, Plutarco teria recolhido um grande e variado número de informações sobre a vida de seu biografado e, com esse material, traçaria o perfil de seu personagem.

Já na interpretação de Mossman, a narrativa da biografia de *Alexandre* lembraria o paradigma poético de um herói, a tragédia épica que representou a vida de Aquiles (Mossman, 1988, p. 83). Em um estudo posterior, a autora desenvolve a tese de que as biografias de *Pirro* e de *Alexandre* constituíam narrativas influenciadas por passagens da *Ilíada*. No seu entender, o estilo trágico-épico seria uma particularidade do método plutarqueano, capaz de tornar mais interessante o relato da vida de seu biografado (Mossman, 1988, p. 104). Braund, apoiando-se no artigo de Mossman, alcançou resultados semelhantes ao analisar a vida de Crasso, afirmando haver associações entre os fatos ocorridos na vida do romano e os acontecimentos trágicos narrados por Eurípidés em sua tragédia sobre o herói grego Heracles (Braund, 1993, p. 469).

Outro grupo de estudiosos viu nas comparações muitas referências ao pensamento platônico, uma intenção essencialmente filosófica de Plutarco ao escrever suas biografias. Estudando as influências do platonismo no pensamento plutarqueano, Crozals deduziu que a filosofia moral de Platão estaria em todas as suas reflexões, apontando que seu interesse estaria em ensinar a virtude aos governantes (Crozals, 1889, p. 16-28).

Já Froidefond considerou que Plutarco estava inserido na reflexão filosófica de seu tempo. Para o autor, o médio platonismo dominava a cena filosófica e, por isso, Plutarco reproduziu, em suas biografias, o pensamento de Platão (Froidefond, 1987, p. 185). Latzarus, apesar de reconhecer em Plutarco um filósofo, contesta os pesquisadores anteriores quanto às influências do platonismo. Para o autor, Plutarco estaria voltado para a questão da religiosidade, devido aos 20 anos de sacerdócio nos quais estabeleceu intenso contato com a religião grega (Lazarus, 1920, p. 11).

Para outros estudiosos, Plutarco avaliaria o caráter de seu biografado com a finalidade de educar as futuras gerações, a fim de que essas não incorressem nas mesmas falhas de seus antepassados. Assumindo a prevalência desse caráter pedagógico das biografias, Swain considera que a filosofia platônica inspirou a concepção de *paideia* em Plutarco. Entretanto, o autor observa uma contradição entre Plutarco e Platão: neste, a educação se destinaria a todos os habitantes da cidade, enquanto naquele, a educação teria em vista apenas o homem que detivesse o poder (Swain, 1990, p. 192-203). Já Russell entendeu que a preocupação plutarqueana

estaria em divulgar a *paidéia* grega, exaltando o seu valor eterno. Segundo o seu ponto de vista, Plutarco biografava um personagem grego e o comparava a um romano para demonstrar a superioridade da educação dos helenos (Russell, 1973, p. 17).

Da mesma maneira, o conteúdo histórico das biografias foi desconsiderado pelos pesquisadores, que viram, no esforço retórico, o ponto central de seus textos e a causa da manipulação dos fatos em Plutarco. Breebaart procurou mostrar que a estética retórica observada na narrativa biográfica de Plutarco explicaria as inconsistências de seu relato histórico, exemplificando com a vida de Péricles, na qual haveria claras simplificações dos acontecimentos (Breebaart, 1971, p. 262).

Sobre a aplicação da retórica, Jiménez concluiu que nas comparações, Plutarco não criticou o comportamento de seus biografados, pois estaria reproduzindo a técnica retórica dos *progymnasmata*, ou seja, um treino de oratória (Breebaart, 1971, p. 98). Para o autor, a *synkrisis* (comparação) representaria uma escolha retórica de Plutarco e não um método biográfico (Breebaart, 1971, p. 100).

No estudo das comparações, Russell atentou para o fato de que elas correspondiam ao modelo de perguntas e respostas, representando um típico exercício retórico. O autor se referiu ao procedimento comum nas escolas: a tarefa consistia em o aluno ouvir duas histórias e, em seguida, ter de apontar as diferenças ou as similitudes entre as narrativas. No seu entender, a comparação estabelecida entre as vidas de *Alcíbiades* e *Coriolano* demonstraria a intenção plutarqueana de praticar esse fundamento da retórica (Russell, 1973, p. 110). Sob a perspectiva de Russel, o hábito dos retóricos de traçar paralelos entre as ações de seus personagens exigiria grande habilidade intelectual, além de vasto conhecimento de gramática. Por sua importância, as comparações consistiriam em parte essencial do plano de escrita das biografias (Russel, 1973, p. 113).

Reforçando essa corrente de pensamento, Pelling inferiu que os gregos se apoiariam no gênero retórico devido à necessidade de persuadir o seu público leitor de que seus registros retratavam a verdade dos fatos (Pelling, 1986, p. 1). Sobre Plutarco, concluiu que nas biografias de Nícias e Alcíbiades haveria um predomínio de fontes atenienses do período clássico (Pelling, 1986, p. 45), o que o levou a considerar que os relatos tucidideanos teriam norteado a escrita plutarqueana. Em sua argumentação, Pelling observou ainda que Plutarco manifestara interesse em completar as informações registradas por Tucídides. Pelling citou as palavras de Finley para fundamentar a teoria de que o estilo retórico predominaria nas biografias plutarqueanas. Para este, Plutarco, ao lado de Tito Lívio, teria escrito sem compromisso

com o relato das fontes ou com a veracidade dos fatos. Assim, as narrativas seriam aparentemente consistentes, mas somente devido à vontade de Plutarco e de Tito Lívio em não deixar lacunas nas histórias (Finley, 1994, p. 13).

As diferentes interpretações sobre a obra plutarqueana contribuíram para ocultar um possível conteúdo histórico em suas biografias. Porém, notamos nos livros e artigos relacionados à historiografia antiga que essa desqualificação se estende aos demais autores. Trata-se de uma corrente de pesquisadores que vê na Retórica a finalidade de toda obra produzida no mundo antigo.

No entender de Anderson, o renascimento da economia grega entre os séculos I e II d. C. contribuiu para o fenômeno cultural conhecido como a Segunda Sofística, do qual Plutarco faria parte. A principal característica dessa produção literária seria o uso da arte retórica, sem a observância da verdade dos fatos (Anderson, 1993, p. 6-8). Contudo, o fenômeno cultural da Segunda Sofística, conforme a denominação de Anderson, foi um movimento historicamente construído (Meister, 1992, p. 6). Desde as primeiras tentativas romanas de criação literária, as obras dos helenos serviram de modelo e inspiração. Havia uma tradição literária grega que não poderia ser descartada; nela os historiadores registraram seu empenho na investigação dos fatos e na crítica das fontes.

No entanto, Woodman analisou a metodologia empregada pelas fontes antigas e percebeu que não havia um método comum entre elas. Em consequência disso, a ausência de metodologia, o excesso de subjetivismo e o estilo retórico no registro dos fatos teriam predominado na escrita dos antigos (Woodman, 1988, p. 117-159). As conclusões de Woodman influenciaram vários autores, como Grant, que diferenciou os historiadores antigos dos modernos, uma vez que estes primariam pela investigação e dispunham de informações mais precisas dos fatos, enquanto aqueles defenderiam seus interesses e careceriam de relatos confiáveis (Grant, 1997, p. 25-36).

Observamos, ainda, a influência do pensamento de Woodman no recente trabalho de Marincola. Este analisou os discursos de autoridade elaborados pelos antigos e observou que eles visavam convencer o leitor da veracidade de seus registros, concluindo que a historiografia antiga derivava da Retórica e tratava os temas como os literatos de poesia ou oratória (Marincola, 1999, p. 13). Em sua última publicação, Pelling retoma a discussão sobre o uso da Retórica, ampliando-a a todos os escritores gregos; em sua visão, o escritor dependia de seu público, e empregava a Retórica como forma de alcançar aceitação (Pelling, 2000, p. 11).

Devemos, no entanto, diferenciar como gêneros, a Oratória e a História. Por um lado, o orador, utilizando o estilo discursivo-participativo, empregava a Retórica com o objetivo de persuadir o público sobre a importância de suas idéias, incitando o ouvinte a posicionar-se de forma impensada. De outro lado, o escritor, recorrendo ao estilo narrativo-reflexivo, utilizava a Retórica a fim de tornar aprazível a leitura, mas observando a liberdade do leitor para avaliar o que fora registrado e assim, elaborar questionamentos. Como demonstrou Starr, em Roma, apenas um pequeno círculo de amigos pertencentes à elite consumia os livros (Starr, 1987, p. 223) e, por isso, entendemos que reduzir a produção literária a estratégias de mercado ou a finalidades políticas é mais um ato anacrônico que se comete na análise da historiografia antiga.

Concluindo, em virtude de a obra biográfica ser vista como uma deformação da realidade (Madelénat, 1984, p. 32), os estudiosos analisaram-na e enfatizaram suas características filosóficas e literárias. Com isso, legaram ao esquecimento seus aspectos sociais e históricos (Munteanu, 1973, p. 30). Para um grupo de autores, a finalidade da obra plutarqueana seria a de divertir o seu público, bem como a de transmitir ensinamentos filosófico-moralistas para as gerações futuras. O equívoco dos comentadores consiste em observar, na obra de Plutarco, ora a estrutura biográfica, ora as referências filosóficas, ora o estilo retórico, sem examinar o seu conteúdo histórico, desconsiderando o contexto social do biografado.

A despeito das divergências sobre o caráter da obra plutarqueana, destacamos que Plutarco não centrou sua narrativa no indivíduo o que iria ao encontro da definição de Momigliano, segundo o qual, esse procedimento destacaria o fato de que Plutarco não escreveu somente biografias, mas um tipo de História (Momigliano, 1993, p. 6). Nota-se, com a leitura de sua obra biográfica, que Plutarco não registrou apenas a história do indivíduo. Este é o ponto essencial de nossa hipótese: havia no entorno do biografado a sociedade que o regulava e que interferia no curso da história. Portanto, em decorrência do interesse de Plutarco em contextualizar as ações de seus personagens, originou-se a escrita de um texto que poderíamos denominar histórico, utilizando a forma biográfica, mas à qual subjaz uma narrativa que, servindo-lhe como pano de fundo, traça, também, a história de uma cidade-Estado.

Porém, registrar grandes acontecimentos trata-se da noção de história para Plutarco; assim, quando atribui à sua narrativa a função biográfica, apenas reafirma o pensamento dos antigos historiadores da Hélade, em relação ao que merece ser registrado e reconhecido como história. A história dos grandes acontecimentos sobrepõe-se a dos fatos ocorridos no cotidiano

de pessoas ilustres. Ainda no primeiro capítulo da biografia de Alexandre, o Grande, Plutarco pretende por meio da narrativa dos acontecimentos históricos, revelar o caráter de seus biografados. Portanto, ao combinar preceitos filosóficos com a história privada, Plutarco não identifica, em suas biografias, o estilo de fazer história de seus antigos mestres.

A reflexões incrustadas na escrita de suas biografias permitem ao leitor entender como Plutarco pretendeu retratar seus personagens conforme as evidências encontradas nas fontes. Também é possível visualizar quais as fontes utilizadas e como Plutarco avaliou a credibilidade de suas informações. No entanto, a desvalorização dos escritos plutarqueanos como fonte histórica permaneceu até o século XIX, o tipo de informação contida em suas biografias não interessava à história universal produzida nesse período (Momigliano, 1993, p. 2). Apenas no século passado, com a introdução de novas abordagens na História, houve a utilização das biografias plutarqueanas como fonte histórica (Momigliano, 1979, p. 146).

A definição plutarqueana de História se comparada às teorias modernas e apenas nos demonstra o quanto o conceito de História é mutável e que se refaz conforme a descoberta de novos objetos. Dessa maneira, de acordo com sua noção de História, Plutarco não escreveu a história, mas a biografia de seus personagens. É verdade que Plutarco estabeleceu debate com o texto de Políbio, porém não para diferenciar os gêneros literários como apontou Momigliano (Momigliano, 1993, p. 1), mas para concordar com Políbio sobre a importância do entendimento dos pequenos acontecimentos na compreensão das causas dos grandes fatos (Políbio *Histórias*, X, 21).

Em contraposição ao afirmado por Momigliano, que em Políbio (*Histórias*, X, 21), havia a definição de biografia e História, Gentili e Cerri concluíram que o historiador grego estabeleceu a diferença entre panegírico e obra histórica. Para os autores, Políbio estaria preocupado com as obras de encomenda desatentas à historicidade de seu conteúdo (Gentili; Cerri, 1988, p. 67). Assim, nessa passagem, não há a diferenciação entre História e biografia, mas a rejeição do panegírico como obra histórica, bem como o pensamento polibiano de que nos pequenos acontecimentos estariam as causas para os grandes.

Ao propor traçar brevemente alguns aspectos do caráter de Filopêmen, Políbio salientou a necessidade do leitor em conhecer a formação e o caráter dos personagens históricos para compreender as causas dos grandes fatos (Políbio *Histórias*, X, 21). Concordando com Políbio quanto ao fato de que nos pequenos acontecimentos apareceriam as causas para a concretização de um grande, no prefácio da biografia de Alexandre, Plutarco dialogou

com Políbio sobre a possibilidade da escrita de uma obra dessa natureza, no entanto, não se trataria de História, mas de biografia. Então, Plutarco nomeou o gênero proposto por Políbio de biografia, diferenciando-o da História (*Vida de Alexandre*, 1, 3).

Contudo, se houve a necessidade de registrar a diferença entre biografia e História teria sido porque Plutarco viu a tênue linha que as separava. Como notou Mazzarino, antes do escritor beócio, o único a discutir essa diferenciação entre os gêneros foi Cornélio Nepos (Mazzarino, 1983, p. 121). Dessa forma, em conformidade com o pensamento histórico dos antigos gregos, Plutarco demonstrou que a História era a guardiã dos grandes acontecimentos legando à biografia a narrativa dos fatos ocorridos no cotidiano de pessoas ilustres.

A inconsistência dos modernos em classificar a obra plutarqueana como filosófica, literária ou pedagógica está em aplicar seus conceitos na avaliação dos escritos antigos. Até o período helenístico não há registros sobre a diferenciação entre biografia e História. Em Políbio, a distinção entre panegírico e obra histórica ocorreu devido à sua intenção de distinguir os encômios de seu tempo da produção historiográfica grega.

No prefácio da biografia de Pelópidas, Cornélio Nepos declarou seu interesse pelo gênero biográfico negando seu vínculo com o historiográfico (*Biografia de Pelópidas*, 1, 1). Em Plutarco, no prefácio da *Vida de Alexandre*, há a mesma preocupação em separar os gêneros. Entretanto, como notou Momigliano, a diversificação da abordagem histórica é um traço de nossa época (Momigliano, 1979, p. 146) e nos tempos de Políbio, Cornélio Nepos e Plutarco, a História tratava somente dos grandes acontecimentos.

Ora, se os fatos grandiosos da Antiguidade, que estavam relacionados ao mundo político, ao espaço público no qual predominavam assuntos relacionados à cidade, são objetos da História, os acontecimentos ligados ao mundo particular são considerados temáticas do gênero literário. Embora embasados nos relatos históricos, os escritores que se dedicaram ao estudo da origem, vida e morte dos indivíduos eram vistos como biógrafos. No entanto, se os escritores biografavam seus personagens com parcialidade, eram tratados como panegiristas.

A necessidade de classificações para alguns autores, no caso do estudo das fontes antigas, terminou por nivelar todas as obras escritas por gregos e romanos. É preciso, como gregos e romanos fizeram, discernir pela leitura da obra se o autor investigou as suas informações ou se distorceu os fatos a fim de elogiar alguém. Os antigos não produziram manuais de biografia, de Filosofia ou de História, mas obras que serviram ou para registrar suas experiências com a investigação dos fatos ou para abarcar a imaginação de seus escritores.

Os propósitos dos historiadores antigos não eram diferentes dos nossos, apenas enfocamos os acontecimentos de maneira diferente. Permanece o interesse pelo entendimento dos acontecimentos históricos dentro de uma lógica que nos permita a aproximação com a verdade dos fatos. Tanto para nós quanto para os historiadores antigos, a observação dos acontecimentos era um trabalho de investigação, comparada à autopsia realizada pelo médico (Momigliano, 1987, p. 14). A retórica incorporou-se tardiamente à escrita (Cole, 1991, p. 116); como instrumento fundamental para a exposição dos pensamentos, os escritores utilizaram seus preceitos, sem implicar a distorção dos fatos.

Os pequenos acontecimentos do cotidiano, na visão de Plutarco, reproduzem a conduta moral do biografado apenas no espaço privado. Como vimos anteriormente, para o autor é imprescindível o conhecimento das ações públicas e privadas de seus personagens. Assim, a biografia, em Plutarco, assume o perfil de uma história dos pequenos acontecimentos onde os detalhes da vida doméstica interferem e se confunde com as ações públicas: a política e a guerra, como pode ser visto no prefácio da *Vida de Alexandre*.

Contudo, no debate historiográfico sobre os efeitos da retórica na escrita histórica greco-romana, concluiu-se que os autores escreveriam relatos fantasiosos voltados apenas para o culto da estética retórica. O interesse declarado na investigação da verdade e no registro de eventos importantes à história de gregos e romanos também foi visto como uma manobra retórica. Assim, a historiografia greco-romana foi reduzida a meras histórias sem nexos, contadas por escritores alheios aos acontecimentos sociais e que sempre tentavam persuadir seus leitores de que os fatos narrados eram a expressão da verdade.

A inserção de elementos retóricos na escrita histórica, no mundo antigo, confundiu os autores modernos que não se ativeram à força da literatura em suas narrativas. Do encontro da História com a Retórica nasceu um texto factual-literário que evoluiu ao romance de *Cloé e Dafne* escrito por Longus, considerado como o primeiro romance em prosa de que temos conhecimento. É preciso considerar as conclusões de Momigliano, que se dedicou aos estudos das fontes sem se preocupar, exclusivamente, com o estilo literário, mas com a escrita da História. A escrita biográfica plutarqueana resulta de um trabalho de pesquisa e reflexão de um autor preocupado em registrar a verdade para que a história não se perdesse com o tempo. Portanto, é preciso considerar que a obra de Plutarco representa uma fonte importante para a compreensão historiográfica de seu período

devido ao seu conhecimento de escritos de variadas procedências e épocas, de onde poderia retirar os dados, sem a necessidade de inventar ou manipular os testemunhos.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, G. *The Second Sophistic: A Cultural Phenomenon in the Roman Empire*. London, New York: Routledge, 1993.
- BRAUND, David. Dionisiac Tragedy in Plutarch, *Crassus*. CQ, XLIII, v. 2, p. 469-474, 1993.
- BREEBAART, A. B. Plutarch and the Political Development of Pericles. *Mnemosyne*, XXIV, v. 3, p. 262-272, 1971.
- BREMMER, Jan. Plutarch and the Naming of Greek Women. *AJPh*, 102, v. 4, p. 425-426, 1981.
- BRENK, Frederick E. An Imperial Heritage: the Religious Spirit of Plutarch of Chaeroneia. *Hermes*, v. 36, p. 249-349, 1987.
- CHAMBRY, Emile; JUNEUX, Marcel. Introduction. In: *Plutarque: Vies*. I, Paris: Belles Lettres, p. IX-LV, 1957.
- COLE, T. *The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*. Baltimore, London: The Johns Hopkins University Press, 1991.
- CORNELIUS NEPOS. Trad. John C. Rolf. London, Cambridge, Massachusetts: Willian Heinemann; Harvard University Press, 1984.
- CROZALS, J. de. *Plutarque*. Paris: Lecène et Oudin, 1889.
- FINLEY, Moses. I. *História antiga: testemunhos e modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FLACELIÈRE, Robert; IRIGON, J. Introduction générale. In: *Plutarque: ouvres morales*. I, Paris: Belles Lettres, p. VII-CCCXVIII, 1987.
- FROIDEFOND, Christian. Plutarque et le platonisme. *ANRW* II, v. 36.1, p. 185-233, 1987.
- GENTILI, Bruno; CERRI, Giovanni. *History and Biography in Ancient Thought*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1988.
- GIANAKARIS, C. J. *Plutarch*. New York: Twayne, 1970.
- GRANT, Michael. *Greek and Roman Historians: information and misinformation*. London: Routledge, 1997.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- GRUBE, G. M. A. *The Greek and Roman Critics*. Great Britain: Methuen, 1965.
- LACY, Ricardo Martínez. Introducción. In: *Vidas de Agis y Cleómenes*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, p. IX-LXXXIV, 1987.
- LATZARUS, Bernard. *Les idées religieuses de Plutarque*. Paris: Ernest Leroux, 1920.
- MADELÉNAT, D. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MARINCOLA, J. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1999.
- MARTIN JR, Hubert. Plutarch and His Times. *AJPh*, XC, v. 3, p. 368-371, 1969.
- MAZZARINO, Santo. *Il pensiero storico classico*. Roma, Bari: Laterza, v. 3, 1983.

- MEISTER, R. *La storiografia greca dalla origini alla fine dell' Ellenismo*. Bari: Laterza, 1992.
- MOLES, J. L. Introduction. In: *Plutarch: life of Cicero*. Wiltshire: Arns & Philips, p. 1-54, 1988.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. History and Biography. In: FINLEY, Moses I. (Ed.). *The Legacy of Greece: a new appraisal*. London, Oxford, New York: Oxford University Press, p. 155-184, 1984.
- _____. History Between Medicine and Rhetoric. In: *Ottavo contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, p.13-24, 1987.
- _____. *La storiografia griega*. Barcelona: Crítica, 1984.
- _____. *The Classical Foundations of Modern Historiography*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1990.
- _____. *The Development of Greek Biography*. Massachusetts, Cambridge, London: Harvard University Press, 1993.
- _____. The Place of Ancient Historiography in Modern Historiography. In: *Entretiens sur l'antiquité classique*. XXVI, Vandoeuvres, Genève, p. 127-153, 1979.
- MOSSÉ, Claude. *O cidadão na Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MOSSMAN, Judith. Plutarch, Pyrrhus, and Alexander. In: STADTER, P. A. (Ed.). *Plutarch and the Historical Tradition*. London, New York: Routledge, p. 90-108, 1992.
- _____. Tragedy and Epic in Plutarch's *Alexander*. *JHS*, v. CVIII, p. 83-93, 1988.
- MUNTEANU, Romul. Biographie, oeuvre, société et la critique sociologique. *Cahiers Roumains d'Etudes Littéraires*. v. 1, p. 29-43, 1973.
- PELLING, Christopher. B. R. *Literary Texts and the Greek Historian*. London, New York: Routledge, 2000.
- _____. Plutarch and Roman Politics. In: MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. *Past Perspectives: studies in Greek and Roman Historical Writings*. Cambridge: University Press, p. 159-187, 1986.
- _____. Plutarch and Thucydides. In: STADER, Philip. A. (Ed.). p.19-51, 1992.
- _____. Plutarch's Adaptation of His Source-Material. *JHS*, v. C, p. 127-140, 1980.
- POLÍBIOS. *Histórias*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: Unb, 1985.
- POLYBIUS. *The Histories*. Trad. W. R. Paton. London, Cambridge, Massachusetts: William Heinemann & Harvard University Press, 1960.
- PLUTARCH. *Lives*. Trad. Bernadotte Perrin. London, Cambridge, Massachusetts: William Heinemann & Harvard University Press, 1988.
- POWELL, J. E. The Sources of Plutarch's *Alexander*. *JHS*, v. C, p. 229-240, 1939.
- RUSSELL, Donald. A. Introduction: Greek and Latin in Antonine Literature. In: RUSSELL, Donald A. (Ed.). *Antonine Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- _____. *Plutarch*. Great Britain, New York: Charles Scribner's, 1973.
- STARR, R. J. The Circulation of Literary Texts in the Roman World. *CQ*, v. 37, p. 213-223, 1987.
- SWAIN, Simon. Plutarch's Lives of Cicero, Cato, and Brutus. *Hermes*, 118, v. 2, p. 192-203, 1990.
- WARDMAN, A. E. Plutarch and Alexander. *CQ*, v. XLVIII, p. 96-107, 1955.
- WOODMAN, A. J. *Rethoric in Classical Historiography: four studies*. London, Sydney: Aeropagítica Press, 1988.